

*Jogando no meio do
Atlântico: o golfe, os
trabalhadores e identidade
em Cabo Verde*



JOGANDO NO MEIO DO ATLÂNTICO:O GOLFE, OS TRABALHADORES E IDENTIDADE EM CABO VERDE

RESUMO

Em Cabo Verde, especialmente em Mindelo (capital da Ilha de São Vicente), o esporte já dava seus primeiros passos nas décadas finais do século XIX. Essa ocorrência tem relação com dois importantes fatos: a) a peculiaridade da construção identitária da colônia/país, a especificidade da sua relação com a metrópole Portugal; b) sua situação geográfica privilegiada, motivo pelo qual por lá se estabeleceram entrepostos de capital inglês. No decorrer do tempo, construiu-se a ideia de que, em Cabo Verde, o esporte sempre se tratou de uma prática popular, acessível a trabalhadores e operários, até mesmo o golfe, uma modalidade mundialmente identificada com as elites econômicas. O intuito deste artigo é discutir essa representação a partir de uma ocorrência recente relacionada a uma das agremiações mais tradicionais: o Clube de Golfe de São Vicente.

PALAVRAS-CHAVE

Esporte; Golfe; Identidade; Cabo Verde.

Victor Andrade de Melo¹

JOGANDO NO MEIO DO
ATLÂNTICO: O GOLFE, OS
TRABALHADORES E IDENTIDADE
EM CABO VERDE²

O cosmopolitismo dos contatos e o domínio de várias línguas do comércio (...) por patrícios quase analfabetos; a reconhecida capacidade laboral dos ilhéus e o discreto orgulho na organização de desportos de vanguarda urbana (cricket, futebol, golfe, tênis), a merecer destaque na imprensa londrina, pela maestria técnica dos seus cultores face a relevantes equipas estrangeiras, são valores que também enriqueceram e foram enraizando no homem da ilha a conscientização cabo-verdiana da diferença (...). Não será equivocado perguntar (...) se a iniciática celebração do Eu coletivo pelo desporto não terá quiçá contribuído, também, como a imprensa, a literatura e demais tradições nativistas dos fins do século passado e primórdios deste, para a construção dialética do nosso protonacionalismo.³

Cabo Verde é um arquipélago de dez ilhas que foi colônia de Portugal até 1975. A localização geográfica desse país africano (segundo dados do Ministério dos Negócios Estrangeiros e Comunidades, de avião está a aproximadamente 2 horas da

¹ Professor dos Programas de Pós-Graduação em História Comparada/IFCS e em Educação Física/EEFD, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Coordenador do "Sport": Laboratório de História do Esporte e do Lazer (www.sport.ifcs.ufrj.br).

² Esse artigo é parte do projeto de pesquisa "Esporte, colonialismo e pós-colonialismo nos países africanos de língua oficial portuguesa - o caso de Cabo Verde", desenvolvido com recursos do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj).

³ FORTES, C. A. Prefácio. In: BARROS, Antero. *Subsídios para a história do cricket em Cabo Verde*. Praia: COC/CPV, 1998, 6.

África, 3 horas e 30 minutos da Europa e da América, e cerca de 4 horas e 30 minutos dos Estados Unidos) acabou por estabelecer uma série de peculiaridades em sua história, até mesmo no que toca a sua relação com a metrópole no período colonial.

A proximidade física com o colonizador, entre outros aspectos, semeou as condições para a existência de uma elite local e o precoce desenvolvimento de um sistema educacional, se comparado às outras colônias. Assim, já no século XIX foram assentadas as bases intelectuais de uma construção identitária (“a caboverdianidade”)⁴ que, contudo, não vislumbrava a autonomia administrativa, mas sim o pleno reconhecimento por parte de Portugal. Além disso, foi constante o debate se a criouliidade local era mais marcada por influências européias ou africanas.

José Carlos dos Anjos trabalha a hipótese de que:

no caso cabo-verdiano - uma identidade assentada sobre uma certa noção de fidelidade (o crioulo como o dependente do senhor branco), ao elevar-se a identidade nacional, manteve os esquemas de pensamento e as relações sociais da qual se originou. (...) Na concepção de mestiçagem está inserido um modelo de relação de reciprocidade branco-nativo, com o qual a concepção de nação não rompe, mas sim reformula. Isso tanto para o nacionalismo enquanto doutrina e como sentimento nacional.⁵

Gabriel Fernandes, sem discordar completamente de Anjos, chama a atenção para que não se entenda tal processo como um mimetismo absoluto, conclamando que sejam entendidas as práticas políticas locais “não tanto a partir da imitação e/ou reapropriação dos enunciados nacionalistas centrais

⁴ No decorrer do texto, optei por assim cunhar os seguintes termos: caboverdiana, caboverdiano, caboverdianidade. Julgo que esse é o uso mais adequado tendo em vista a recente reforma ortográfica. Preservarei, contudo, nas citações, as opções dos autores.

⁵ ANJOS, J. C. G. dos. Elites intelectuais e a conformação da identidade nacional em Cabo Verde. *Estudos Afro-Asiáticos*, Rio de Janeiro, v. 25, n. 3, 2003, p. 591.

quanto de um processo peculiar de interação e de lutas políticas na periferia colonial”.⁶

Uma das peculiaridades desse processo de construção identitária é o fato de ter angariado alto grau de convencimento, até mesmo entre as camadas populares, tal a força de emissão intelectual, não poucas vezes difundida e debatida pelos jornais; uma outra especificidade caboverdiana é a existência de uma imprensa local desde o século XIX.

Nos anos de 2008 e 2009, um intenso debate relacionado a uma prática esportiva, em sua relação com a “caboverdianidade”, ocupou as páginas dos jornais do país. Dentro das alternativas de desenvolvimento do turismo, uma das possibilidades econômicas que mais tem sido implementadas no país desde a década de 1980, denotadamente desde a adoção do multipartidarismo em 1991,⁷ tem se destacado a construção de grandes empreendimentos dedicados ao golfe, notadamente nas Ilhas de Santiago, Sal e São Vicente, aproveitando a longa ligação do Arquipélago com esse esporte.

Trata-se de uma estratégia para atrair o turista europeu de alta renda:

Hoje em dia, o golfe e o turismo andam de mãos dadas. Cabo Verde não fica “fora de jogo” e neste momento estão na forja a construção de seis empreendimentos turísticos (Santiago, Sal e São Vicente), cujo *cluster* é nada mais nada menos que o golfe. De acordo com a Cabo Verde Investimentos (CI), os campos de golfe deverão ficar concluídos num prazo de 4 a 5 anos. Para a CI o golfe terá uma grande importância na economia cabo-verdiana,

⁶ FERNANDES, G. *Em busca da nação: notas para uma reinterpretação do Cabo Verde crioulo*. Florianópolis/Praia: Editora da UFSC/Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 2006, p. 16.

⁷ A partir de então, a estratégia adotada foi a de “extroversão da economia”, buscando tirar proveito da situação geográfica do arquipélago. Pretendia-se “incentivar, apoiar e orientar a ação do setor privado para o desenvolvimento econômico de Cabo Verde, considerando o investimento estrangeiro essencial para a viabilização do projeto de expansão da economia nacional” (ELLERY, D. *Identidades em trânsito*. Campinas: Arte Escrita, 2009, p. 63).

porque esta modalidade está associada a turistas de elevada renda.⁸

A diretoria de uma das mais tradicionais agremiações de Cabo Verde, o Clube de Golfe de São Vicente, percebeu (ou foi convencida) que essa era uma opção para a renovação de suas instalações e decidiu por tentar estabelecer uma parceria internacional que possibilitaria:

a construção de um campo relvado de 18 buracos, moderno e atual, e de um *club house* de elevado padrão, capazes de servir devidamente os sócios, a comunidade local, os turistas amantes e praticantes dessa modalidade desportiva, e em condições efetivas de acolher qualquer competição internacional. De acordo com o conceito básico dos termos de referência do projeto, os promotores garantem ainda, manter o campo e financiar essa manutenção, durante dois anos, que poderá elevar-se até três anos, credenciá-lo junto da P.G.A.⁹ e promover o Open do Mindelo.¹⁰

As promessas não se limitavam ao clube, englobando a cidade de Mindelo, capital de São Vicente, como um todo. Entre muitas outras:

Reservar uma área de aproximadamente 100h (cem hectares), contígua à cidade, para construir a Cidade Nova, moderna, arejada, jovem, bem traçada, espaçosa e ecológica, guiada por conceitos do século XXI, mas profundamente harmonizada com a Cidade Histórica. No

⁸ GOLFE: modalidade desportiva que teima em ficar. *Expresso das ilhas on line*, 29 set. 2008. Disponível em: <<http://www.expressodasilhas.sapo.cv/noticias/detail/id/5619>>. Acesso em: 25 jun. 2009.

⁹ A Professional Golfers Association é a entidade internacional que regula e organiza o esporte do ponto de vista profissional. O golfe amador é organizado pela International Golf Federation, ligada ao Comitê Olímpico Internacional.

¹⁰ GOLFE: modalidade desportiva que teima em ficar. *Expresso das ilhas on line*, 29 set. 2008. Disponível em: <<http://www.expressodasilhas.sapo.cv/noticias/detail/id/5619>>. Acesso em: 25 jun. 2009.

âmbito desse objetivo, pretendem os promotores ordenar, valorizar e promover toda a orla marítima e a faixa costeira, que deverão ser um espaço social, por excelência, dedicado ao lazer, à cultura e ao desporto, conferindo oportunidade a todos os residentes e visitantes de conviverem simultaneamente com a cidade, o mar e outros elementos paisagísticos, como a Baía do Porto Grande, o espaço marítimo que separa a ilha de São Vicente da de Santo Antão, os montes circundantes, designadamente o Monte Cara e a imponência da vizinha Ilha de Santo Antão. Promover, junto da orla marítima e como parte do seu ordenamento, um conjunto de serviços a prestar à comunidade residente e aos turistas e visitantes, nos domínios do lazer, da cultura e do desporto, como, por exemplo, restaurantes de qualidade, pubs, bares, e espaços fechados e abertos de produção e comercialização de atividades lúdicas, e modalidades desportivas de praia e de mar.¹¹

Muitas foram as polémicas desencadeadas pela proposta. A primeira contestação pública mais eloquente pode ser percebida em 17 de maio de 2008, no jornal *O Liberal*.¹² Depois da assembléia do clube agendada para decidir a adesão ou não à parceria, realizada em 15 de junho do mesmo ano, marcada por conflitos que levaram a questão à justiça, o debate se acirrou. Em 24 de junho,¹³ *O Liberal* publicou na íntegra uma carta/manifesto de Antero Barros, na qual o autor assina como “Fundador do Clube, Presidente e Capitão de Golfe durante várias décadas”.¹⁴

¹¹ *Ibid.*

¹² GRUPO de sócios contesta tacada da direção. *O Liberal online*, 17 mai. 2008. Disponível em: <<http://liberal.sapo.cv/noticia.asp?idEdicao=50&id=13467&idSeccao=438&Action=noticia>>. Acesso em: 1 jul. 2009.

¹³ BARROS, A. O Clube de Golfe de São Vicente não está à venda. *O Liberal online*, 24 jun. 2008. Disponível em: <<http://liberal.sapo.cv/noticia.asp?idEdicao=50&id=14195&idSeccao=546&Action=noticia>>. Acesso em: 9 jul. 2009.

¹⁴ Barros é uma das lideranças históricas do Arquipélago. Um panorama sobre sua vida e obra pode ser encontrado em: <<http://www.caboindex.com/cv/antero-barros/>>. Acesso em: 11 jul. 2009.

Recuperando a história da prática em Mindelo, seu posicionamento foi a melhor expressão dos que eram contrários à iniciativa da direção da agremiação, mobilizando claramente duas ideias: o fato de o golfe ser uma tradição popular de resistência e de se constituir um patrimônio nacional. Não surpreende que afirme categoricamente: “O Clube não se encontra à venda”.

A repercussão foi ampla: dezessete comentários, de catorze pessoas diferentes, entre as quais João Lizardo, atual presidente do Clube, que explicita suas discordâncias: para ele, a parceria significa exatamente contribuir para preservar a existência da agremiação, o que só seria possível se ele estivesse ajustado aos novos tempos. Ao fim, ele conclui:

Nós respeitamos a memória dos nossos sócios e certamente não sairão das suas covas só pelo fato de sermos ousados e empreendedores e com visão para o futuro (...). Espero que estas horas que eu perdi na redação desta pequena nota (...) sirva para esclarecer os caboverdianos e os sócios do Clube de Golfe que o *Clube de Golfe não está à venda*.¹⁵

Depois de longo enfrentamento, pelos periódicos e nos tribunais, em fevereiro de 2009, contando com a presença de 181 sócios, secretariada pelo notário da Ilha de São Vicente (João de Deus Nobre Chantre Lopes da Silva), em nova assembléia, a proposta de parceria foi aprovada por 112 dos que tinham direito a voto (64 ficaram contra; houve ainda três abstenções e um voto nulo). Isso não foi suficiente para tranquilizar os espíritos. Os debates seguiram por mais alguns meses, até os dias de hoje eventualmente voltando à tona.

Nosso intuito neste artigo é especificamente discutir um dos elementos mais mobilizados nessas discussões: o fato de que, em Cabo Verde, especialmente em Mindelo, ao contrário de todos os outros locais do planeta, se trata o golfe de um esporte popular,

¹⁵ Seção de leitores. In: BARROS, A. O Clube de Golfe de São Vicente não está à venda. *O Liberal online*, 24 jun. 2008. Disponível em: <<http://liberal.sapo.cv/noticia.asp?idEdicao=50&id=14195&idSeccao=546&Action=noticia>>. Acesso em: 9 jul. 2009.

praticado não só por membros das elites econômicas e culturais, mas também pelo povo, pelos trabalhadores.

Encontraríamos na história elementos para referendar essa afirmação? Teriam mesmo os trabalhadores apreendido e dado uma feição particular a esse esporte tão identificado com os estratos socioeconômicos mais elevados? Como entender essa construção simbólica e material no contexto da história caboverdiana? Essas são questões que tentaremos responder neste artigo.

NO CONVÉS E NO PORÃO: A DIFUSÃO DO ESPORTE NO DECORRER DO SÉCULO XIX

Antes de abordarmos o caso caboverdiano, valem algumas palavras sobre a configuração e a difusão do esporte.¹⁶

A palavra *sport* parece ter sido pela primeira vez registrada na Inglaterra do século XV, originária do francês antigo “disport”. Na França significava “diversão”, mas também era usada na acepção de prazer; na grande ilha acabou assumindo um sentido aproximado, de divertimento e até mesmo de travessura. A ideia de competição não era ainda explícita.

No século XVI, ela começou a adquirir o sentido de “jogo que envolve atividade física”, embora tivesse majoritariamente mantido sua acepção original. Paulatinamente deixou de significar só uma ação e se confundiu com o próprio objeto, também sendo relacionada a jogos de azar.

No século XVIII, já se identificava o uso dos termos *sportsman*, para designar o envolvido constantemente com a prática, e *sportsmanship*, para designar uma natureza de envolvimento. O conceito se tornou mais preciso, mais restrito (no que se refere à natureza das atividades, embora ampliado no sentido de expressar um número maior de dimensões) e já apontava para o que seria configurado no século seguinte. A ideia de competição tornou-se mais clara, mesmo que não totalmente preponderante.

¹⁶ Para uma discussão aprofundada, cf.: MELO, V. A. de. *Esporte e lazer: conceitos*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

O termo era muito usado para designar as atividades de diversão que eram realizadas no campo, relacionadas a animais: especialmente as corridas de cavalo, a caça e a pesca, práticas que se configuraram claramente como elementos de *status* e distinção, não acessível a todos, nem mesmo a uma parte das classes médias. Como lembra Roy Porter:

As classes possidentes da época georgiana e do início da era vitoriana gozavam o lazer nas suas próprias terras, simbolicamente, pelo exercício de seus direitos de caça, defendidos dos intrusos, de uma maneira quase religiosa por uma legislação cada vez mais severa. Através das leis da caça que previam prisão, expulsão ou mesmo a morte daqueles que a fome impelisse à caça furtiva, a majestade do Parlamento protegeu os prazeres exclusivos de uma elite para a qual a caça era a atividade predileta.¹⁷

Ainda assim, da mesma forma, eram denominadas *sports* algumas atividades de maior popularidade entre outras camadas sociais, entre elas as brigas de animais e as lutas, essas já mais organizadas por alguns “empresários”, de acordo com o novo espírito comercial. Se as primeiras com o decorrer do tempo seriam perseguidas e proibidas, especialmente no período vitoriano, as segundas sempre ocuparam um espaço ambíguo: apreciadas e exaltadas por um lado, encaradas com ojeriza por outro.

Nesse momento podemos também identificar os primórdios dos esportes náuticos. O uso dos barcos para atividades de diversão, na Inglaterra, remonta ao século XVII, uma influência holandesa supostamente incentivada por Charles II, que retornara do exílio naquele país. Entre as modalidades, o iatismo sempre se estabeleceu como uma atividade mais restrita, somente disponível para os mais ricos. Já com o remo, o processo foi sensivelmente distinto: era inicialmente mais praticado por membros das camadas populares, que obtinham certo renome quando vitoriosos. Esse, contudo, foi apreendido e sistematizado no âmbito das escolas britânicas. Na verdade, clubes destinados

¹⁷ PORTER, R. Os ingleses e o lazer. In: CORBIN, A. (org.). *História dos tempos livres*. Lisboa: Teorema, 2001, p. 23.

à prática desde 1790 já existiam no Eton College e na Westminster School. Na Universidade de Oxford, existe desde 1815, enquanto em Cambridge, desde 1827; em 1829, houve a primeira edição da tradicional disputa entre essas duas instituições.

Um novo conceito de *sport* estava sendo delineado. Foi no início do século XIX que surgiu o adjetivo *sporting*; no desdobramento, apareceram tanto vocábulos a ligar o fenômeno a um estilo de vida (*sportswear*, *sporting car*, por exemplo) quanto palavras para designar melhor as peculiaridades da prática (exemplos: *crack*, *ace*, *corner* etc.). A melhor configuração de uma terminologia própria, nesse caso, foi um indício do delineamento de uma nova construção conceitual, ainda que fazendo uso da mesma palavra. Como lembra Vigarello e Holt:

Os antigos esportes não eram codificados. Faziam parte da cultura aldeã tradicional ou então eram praticados por ocasião de acontecimentos excepcionais. Ao mesmo tempo, autorizavam os divertimentos públicos, as apostas e o lucro. Não se tinha necessidade de organizar competições regulares. Não existia classe especial de esportistas que tivessem recebido uma formação para jogos e fossem obrigados a manter a forma. Não havia tampouco rede nacional ou local de transporte, nem verdadeira imprensa esportiva. Reinava um fascínio geral pelos desempenhos extremos, mas não havia nenhum acordo estabelecido sobre o que devia ser o corpo atlético ideal.¹⁸

No decorrer do XIX, conformou-se, assim, um conceito moderno de esporte, uma prática que, em linhas gerais, atendia a algumas características: a) organiza-se em entidades representativas; o *club*, que se delineara como base de uma sociedade civil organizada, nos *coffee shops* e *public houses* ingleses do século XVIII, fora a unidade fundamental de estruturação; b) possui um calendário próprio, já não mais seguindo estritamente outros tempos sociais ou rituais; c) envolve um corpo técnico especializado cada vez maior; d) gera um mercado ao seu redor,

¹⁸ VIGARELLO, G. e HOLT, R. O corpo trabalhado: ginastas e esportistas no século XIX. In: CORBIN, A. (org.). *História do corpo*. Rio de Janeiro: Vozes, 2008, v. 2, p. 427.

que extrapola até mesmo o que a princípio poderia ser considerado específico da prática esportiva.¹⁹

Embora não exclusivamente, em boa medida o movimento de sistematização do esporte moderno parte das *public schools* inglesas, que, desde os anos 1820, estiveram cada vez mais influenciadas pela ideia de “cristianismo muscular”, proposta que Thomas Arnold liderava a partir da escola de Rugby. Corpo atlético e espírito esportivo sustentavam a concepção de que a prática seria de grande utilidade para educar e formar os jovens das elites que ocupariam os espaços de liderança no Império que se ampliara espacialmente.²⁰

Essa ideia foi fortalecida quando relacionada ao aumento das preocupações com o saneamento das cidades e com a saúde da população, em função dos desdobramentos do avanço da industrialização e da rápida urbanização. Era necessário estabelecer novos parâmetros de convivência que permitissem às nações (essa também era uma noção relativamente nova à época)²¹ rumarem em “direção ao progresso”.

Cada vez mais foram entabuladas estratégias de controle corporal e de preparação de um “corpo saudável”. Pode-se observar a maior difusão dos métodos ginásticos e da educação física, já identificáveis na realidade europeia desde a transição dos séculos XVIII e XIX. Certamente isso tem relação com o pronunciado desenvolvimento científico, o aumento das compreensões acerca do funcionamento corporal e o exponenciar da ciência como ditame fundamental no direcionar dos novos rumos sociais.

Com sua vinculação à saúde (uma relação equivocadamente linear que permanece até os dias de hoje), muito rapidamente ao redor do esporte, dialogando com a própria melhor configuração de uma indústria do lazer e do

¹⁹ Para mais informações, cf.: BOURDIEU, P. Como é possível ser esportivo? In: _____. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983, p. 136-163. Importante registrar que esse autor chega a sugerir que o conceito de esporte é moderno, sendo mesmo equivocado chamar antigas práticas de pré-esportivas. Concordo com sua caracterização de esporte, mas não desprezo os conceitos de períodos anteriores.

²⁰ HOLT, R. *Sport and the British: a modern history*. New York: Oxford University Press, 1989.

²¹ Para mais informações, cf.: HOBBSAWM, E. *A era dos impérios - 1875-1914*. 9.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1988.

entretenimento, foram concebidas e implementadas estratégias múltiplas e cada vez mais multifacetadas de negócios.

Nesse cenário, o esporte se popularizou, apresentado como uma diversão “apropriada”, uma alternativa aos antigos jogos populares “condenados”. A mesma população que vira perseguida a sua possibilidade de jogar passou a ter o “direito” de acesso ao novo espetáculo, idealmente concebido como consumo passivo, tanto no sentido da prática em si (a maioria somente podia assistir) quanto no de interferência no desenvolvimento do campo que se gestava (poucos tinham a possibilidade de participar da direção de iniciativas e entidades representativas).

Isso, contudo, não significou: a) que as classes trabalhadoras, entre as quais a classe operária (em processo de formação), tenham abandonado com facilidade suas práticas tradicionais; b) que ao participar do campo esportivo sistematizado, tenham absorvido exatamente os sentidos encaminhados; c) que não tenham interferido e contribuído para reelaborações.

Na verdade, em meados do século XIX, já se percebe o delineamento de uma cultura operária, um claro processo de distinção: “Suas instituições culturais dominantes não eram a escola, as aulas noturnas, a biblioteca, a mutualidade, a Igreja ou a seita, mas sim a taberna, o periódico esportivo, as corridas e o *music hall*”.²²

Jones percebe, até mesmo, que as organizações operárias, que já se encontravam mais bem estruturadas, não conseguiam o poder de atração e de consolidação de uma identidade de classe como o tinham “o prazer, a diversão, a hospitalidade e o esporte”.²³ Nos clubes operários, ao final do século: “As diversões se converteram na principal atração e o equilíbrio de poder dentro dos clubes se inclinou para as comissões de festejo, em detrimento do conselho político”.²⁴

²² JONES, G. S. Cultura y política obreras en Londres, 1870-1900: notas sobre la reconstrucción de una clase obrera. In: _____. *Lenguajes de clase: estudios sobre la historia de la clase obrera inglesa (1832-1982)*. Madrid: Siglo Veintiuno, 1989, p. 203.

²³ *Ibid.*, p. 205.

²⁴ *Ibid.*, p. 206.

Uma importante prática-símbolo desse novo momento é a que Hobsbawm chama de “religião leiga” do proletariado: o futebol.²⁵ Se desde os 1870 já era perceptível o aumento da predileção por esse esporte, nos 1880, isso se torna mais claro, até mesmo com a profissionalização dos clubes, entre os quais havia um bom número de operários atuando como jogadores (ou se envolvendo como torcedores). Ao contrário do antigo ideário produzido no âmbito das *public schools*, o futebol foi incorporado à cultura dos *pubs*, relacionado às apostas e encarado como forma de ascensão social. Na verdade, o seu impacto também pode ser observado nas camadas populares como um todo e mesmo na baixa classe média.

Assim, no decorrer do século XIX, o esporte vai se constituindo em poderosa representação de valores, sensibilidades e desejos que permeiam o ideário e o imaginário da modernidade: a necessidade de superação de limites, o extremo de determinadas situações (comuns em um cenário em que a tensão e a violência foram constantes), a valorização da tecnologia, a consolidação de identidades nacionais, a busca de uma emoção controlada, o exaltar de certo conceito de beleza. O seu desenvolvimento tem grande relação com uma sociedade que enfatizava as noções de produção, precisão, desempenho e disputa:

Os esportes adotavam e aperfeiçoavam a proeza realizada dentro de padrões precisos e mensuráveis, forneciam a prova do progresso com recordes que sem cessar superavam recordes anteriores: desempenhos em que homens (e, no seu devido tempo, mulheres) mediam suas forças não só um contra o outro, mas também contra a escala impessoal do tempo. Numa era de entretenimento, propunham diversões espetaculares, primeiro para uns poucos, depois para a maioria.²⁶

²⁵ HOBBSAWM, E. A formação da cultura de classe operária britânica. In: _____, *Mundos do trabalho*. São Paulo: Paz e Terra, 2000, p. 257-278.

²⁶ WEBER, E. *França fin de siècle*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, p. 281.

Entende-se, assim, por que a prática tenha sido tão fortemente adotada pela burguesia, “esmagadoramente liberal [...] num sentido ideológico, [que] acreditava no capitalismo, empresa privada competitiva, tecnologia, ciência e razão”.²⁷

Não surpreende, logo, que essa “invenção inglesa” rapidamente tenha se espalhado pelo planeta no seio dos contatos materiais e simbólicos que marcaram fortemente o século XIX com seus navios a vapor, telégrafos, comércio mundial.²⁸ Pelo convés foram os esportes que marcavam o caráter imperialista das elites inglesas: cricket e golfe, por exemplo. Pelos porões foram aqueles que rapidamente foram apreendidos pelos mais populares: futebol, notadamente. Nesse processo, as influências não foram lineares, lidaram com as peculiaridades históricas e culturais locais. Vejamos o que houve no caso caboverdiano.

O ESPORTE NO MEIO DO ATLÂNTICO

Foi significativo o número de clubes fundados em Cabo Verde entre o quartel final do século XIX e quartel inicial do século XX, classificados, de acordo com sua atividade central, em: a) recreativos; b) artísticos, notadamente teatrais; c) esportivos; d) filantrópicos.²⁹

Entre essas agremiações, há alguns elementos em comum: a) serviram como pontos de encontro e identificação da elite local; b) contribuíram para a formação intelectual e cultural não só de seus agremiados como de outros interessados dentro do seu raio de ação; c) expressavam o desejo de sincronia com uma estrutura

²⁷ HOBBSBAWM, E. *A era do capital -1848-1875*. 11.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996, p.341.

²⁸ Segundo Hobsbawm, em 1815, ao fim das Guerras Napoleônicas, a Grã-Bretanha era no mundo a única economia industrializada e única potência naval; em 1840, tinha tantos navios quanto todos os outros países somados: “Nada parecia atrapalhar o único grande interesse expansionista da política externa britânica, a expansão do comércio e do investimento britânicos” (HOBBSBAWM, E. *A era das revoluções -1789-1848*. 24.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2009, p. 154).

²⁹ OLIVEIRA, J. N. de. *A imprensa cabo-verdiana: 1820-1975*. Macau: Fundação Macau, 1998.

de sensibilidades em construção no cenário internacional, algo que tem até mesmo relação com os primórdios dos movimentos nativistas caboverdianos; d) expressavam claramente uma influência estrangeira.

Como Cabo Verde ocupava uma posição geográfica estratégica, no caminho de várias importantes rotas náuticas, e dadas as características do Porto de Mindelo, no século XIX, na Ilha de São Vicente foram instalados diversos empreendimentos comerciais, notadamente de capital inglês.

Na verdade, essa ilha foi uma das últimas do país a ser habitada. Isso só efetivamente ocorreu quando a primeira companhia por lá se estabeleceu no fim da década de 1830, a East India Company, uma empresa que fora fundada nos anos iniciais do século XVII e servia à coroa inglesa fazendo o transporte de produtos (algodão, seda, chá, ópio, entre outros) do Oriente (Índia, China, entre outros) para Londres.

Rapidamente em São Vicente se estabeleceram outras companhias inglesas: Royal Mail (1850), Patent Fuel (1851), Visgent Miller e Miller's & Nephews (1873-1880), Cory Brothers & C. (1875) e no fim do século a S. Vicente de Cabo Verde. Com isso, observam-se um surto de desenvolvimento e uma significativa alteração da paisagem da cidade, sobretudo em virtude da instalação da infraestrutura necessária à nova atividade comercial.

A presença dos ingleses certamente ultrapassou os limites comerciais. Na verdade, era habitual, nas diversas colônias, a criação de clubes ligados às empresas britânicas. Vale lembrar o caso do Calcutta Cricket Club, a mais antiga agremiação desse esporte a ser fundada fora da Grã-Bretanha (1792). Em 1849, fora criado o East India Club, agregando funcionários da companhia. Eram típicos clubes de "gentlemen", oferecendo, para os que se encontravam distantes de Londres, atividades que se estabeleciam como elementos de *status* e distinção e alternativas de encontro (entre as quais o golfe e o cricket). Todavia, em muitas oportunidades, não havendo possibilidades de compor equipes exclusivas, convidavam-se os locais (incluindo empregados) a participar dos jogos.

Também em São Vicente os ingleses organizaram suas atividades esportivas:

Devo esclarecer que os ingleses possuíam cá no Mindelo, 5 *courts* de tênis espalhados pela cidade e 2 estrados de

cimento armado para a prática do cricket, sendo um na chã de Alecrim e outro na antiga Salina, hoje Praça Estrela. Desses 5 *courts*, o primeiro foi construído no século passado no Quintalão da Vascónia, mesmo junto ao citado Pavilhão da Salina e além disso, eles construíram também 2 campos de golfe, nos arredores da cidade.³⁰

Ao discorrer sobre a influência dos britânicos no desenvolvimento de hábitos esportivos entre os habitantes de São Vicente, Manuel Nascimento Ramos é categórico:

apesar dos britânicos viverem isolados do povo, havia sempre nacionais que os acompanhavam no seu dia-a-dia, por exemplo, como serventes, ajudantes, como *caddies* no golf, no tênis, apanha-bolas no futebol, aprendendo, imitando os costumes e o estilo característico dos ingleses, transmitindo simultaneamente à geração. Eles deixaram profundas raízes e marcas indelévels, quer nos grandes da sociedade e também nos habitantes humildes de S. Vicente (...) No desporto, então, é que nos deixaram profundamente vincados, em todo desporto praticado em S. Vicente, desde o futebol, o tênis, o cricket, o golf, o basebol (o chamado rodeada pau ou corrida pau), o footing, a natação, o cross, o uso constante do short branco e camisola e meias altas da mesma cor.³¹

Segundo informa Barros, a pioneira iniciativa de organização esportiva, uma equipe de cricket, foi do inglês John Miller, da companhia Miller's & Cory's, no que logo foi seguido pelo funcionário Morgan, da Wilson & Sons, e por John Planker, da Western Telegraph. Os jogos eram disputados já em 1879:

Os espectadores lá fora à volta do campo eram o povo em geral que apreciava bastante esse desporto e ia aprendendo e aperfeiçoando os seus conhecimentos por essa modalidade desportiva praticada pelos britânicos em S. Vicente. Com muita atenção fixavam a técnica de "bowler",

³⁰ RAMOS, M. N. *Mindelo d'outrora*. Mindelo: Gráfica do Mindelo, 2003, p. 95.

³¹ *Ibid.*, p. 92.

do “wicket keeper”, da colocação do “bat” na marca do tapete e na dos jogadores ao largo do estrado.³²

Não tardou para que os mindelenses começassem a também organizar seus jogos, seja aproveitando os horários vagos das canchas inglesas (algo nem sempre visto com bons olhos pelos estrangeiros), seja criando seus espaços próprios (ainda bem precários, é verdade). Em 1913, quando Jonatham Willis e George Smalcomb solicitaram um terreno para a construção de um novo pavilhão de cricket, no Alto de Chã d’Alecrim, lá instalando o St. Vicent Cricket Club, o campo da Salina ficou para que os locais realizassem seus jogos (uma evidência de que eles já eram comuns).

Logo os nativos criaram sua agremiação própria: o Clube Africano de Cricket (1915), seguido pela fundação do Grêmio Sportivo Caboverdeano (1916) e do Club Sportivo Mindelense (1922). Com isso, aumentaram as rivalidades entre os estrangeiros e os da terra, como lembra o músico B.Leza:

Ainda nos lembramos aquelas saudosas tardes cheias de sol doirado, em que os ingleses desembarcavam na ponte da Alfândega ou no cais número um, trazendo as bandas de música que enchia de alegria as ruas do Mindelo até o Campo da Salina ou da Matiota, onde se disputavam os desafios de cricket ou de futebol, entre caboverdianos e ingleses.³³

De fato, a primeira agremiação esportiva formada majoritariamente por nativos parece ter sido mesmo o Club Mindelo, fundado em 1904. Mesmo se apresentando como uma “associação literária e de instrução”, previa em seu artigo 2º: “proporcionar o desenvolvimento físico por meio da ginástica”. Como observa Oliveira: “Note-se (...) a primazia dada às atividades físicas. Talvez resultado da influência britânica, mas que anuncia já os clubes do século vinte em que a cultura cede o primeiro lugar ao desporto na motivação dos sócios”.³⁴

³² BARROS, A. *Subsídios para a história do cricket em Cabo Verde*. Praia: COC/CPV, 1998, p. 94.

³³ B.LEZA *apud* BARROS, 1998, p. 11.

³⁴ OLIVEIRA, *op. cit.*, p. 95.

É notável que, a partir dos anos 1910, cada vez mais surgiu na colônia:

um novo tipo de clubes, mais virados para os elementos populares e em que a componente desportiva se sobrepunha a todas as outras. A abertura a todos e a primazia dada ao desporto até não eram novidades no Mindelo, novidade era a quase ausência de referências culturais nos estatutos das novas associações.³⁵

Será possível afirmar que essas instituições eram compostas pelos trabalhadores caboverdianos ou correspondiam na verdade a entidades da elite local? Há de se considerar um quadro múltiplo: a) os trabalhadores, funcionários de empresas ou mesmo dos clubes britânicos, tendo contato com as novas práticas, buscavam reproduzir a atividade em seu tempo livre, sendo até mesmo, em algumas poucas oportunidades, convidados a formar uma equipe adversária para jogar com os ingleses; b) a elite local, com fortes características intelectuais, sintonizada com o cenário internacional e com fins de provar à metrópole a condição elevada da “caboverdianidade” (em sua concepção um desdobramento e componente do ser lusitano), também criava seus clubes; c) havia certa porosidade entre esses estratos, em função das próprias características históricas da sociedade caboverdiana.

Nesse sentido, há um fundamento na representação de que a prática esportiva tem sido popular no país, ainda que, obviamente, como qualquer construção dessa natureza, guarde um grau de abstração e idealização. Vejamos como isso se deu no que tange ao golfe.

A INVENÇÃO DE UMA TRADIÇÃO

A prática do golfe sempre teve um sentido bastante inusitado na Ilha de São Vicente, tão curioso que a destacou mundialmente. Um dos aspectos mais peculiares é o fato de que,

³⁵ *Ibid.*, p. 101.

em função das condições climáticas, das características do solo e da escassez de água, há dificuldades para cultivar grama. Assim, os campos nunca foram exatamente “greens”, mas sim “browns”. O Clube de Golfe de São Vicente até hoje segue sendo o único do mundo que disputa suas provas na terra.

Os ingleses da Western Telegraph foram os responsáveis pela introdução do golfe em Cabo Verde. Segundo Barros, já nos anos finais do século XIX eles construíram um campo na Ilha de São Vicente, onde disputavam jogos com certa constância.³⁶ Em 1933, da fusão do The Western Athletic Club, do St. Vicent Sport's Club e do St. Vicent Golf Club e o St. Vicent Lawn Tennis Club (todos fundados na década de 1920), foi criado o St. Vicent Golf Cape Verde Island and Lawn Tennis Club, um dos mais importantes da história do país.

Aproveitando que o St. Vicent mudou de sede, para se afastar ainda mais dos nativos e dos funcionários públicos portugueses que frequentavam o clube, de forma a manter o sentido de exclusividade britânica, os ligados ao governo colonial fundaram, nas antigas instalações, uma nova agremiação, o Clube de Golfe de São Vicente (1940), impedindo qualquer participação dos mindelenses, que, descontentes com a decisão, fundaram o Lord Golf Club e construíram com grande esforço um campo próprio. Nesse momento já havia competições entre os sócios de outras agremiações locais, como o Clube Sportivo Mindelense e o Grêmio Recreativo Castilho.

Não tardou para que os caboverdianos voltassem a integrar o Golfe de São Vicente, já que os portugueses não davam conta de manter o clube. Com isso, o Lord deixou de existir. Em 1969, fundiram-se esse clube e o antigo St. Vicent Golf, dando origem ao Club Anglo-Português de Golfe, que se transformou em uma das sedes da difusão do pensamento nacionalista caboverdiano nos momentos pré-independência, palco de reuniões políticas e cerimônias que buscavam demonstrar o elevado grau da cultura local. Com a independência, em 1975, houve nova mudança de denominação: Clube de Golfe de São Vicente.

³⁶ BARROS, Antero. *Subsídios para a história do golfe em Cabo Verde*. São Vicente: Clube de Golfe de São Vicente, 1981.

Esses fatos são constantemente lembrados, ressaltados e reinterpretados. Daniel Oliveira, um conhecido golfista local, garante: “Em São Vicente, costuma-se dizer que o golfe é um desporto para ‘pés descalços’, porque em Cabo Verde é uma modalidade que está ao alcance de todos”.³⁷ Segundo ele, mesmo que sejam caros os equipamentos, sempre se encontra uma forma de consegui-los, por meio de empréstimo, envio do exterior e mesmo por manufatura local.

Será mesmo? Vejamos, por exemplo, o depoimento de Mario de Pina, que começou como *caddie* aos doze anos de idade, que morava próximo a entrada do Clube de Golfe de São Vicente, ganhando três escudos por dia para exercer a tarefa. Ele comenta que só conseguiu entrar como sócio para a agremiação em 1974, quando já tinha 32 anos:

ser membro do clube de golfe não era para qualquer um. Antes de ser aceite como sócio tínhamos de responder um inquérito pior do que um inquérito policial. Por exemplo, uma pessoa desempregada ou com cadastro policial não podia ser membro do clube (...). Quem pertencia à pobreza como eu, não podia entrar para o clube. Jogar golfe, nem pensar. Nos anos 60 e 70 isso era quase impossível...³⁸

Para Pina, é equivocada a ideia de que o golfe foi um esporte popular na Ilha de São Vicente:

O golfe foi praticado por um grupo restrito constituído pelas pessoas mais ricas da Ilha de São Vicente, pela elite mindelense. Só eles podiam jogar, os outros limitavam-se a carregar as bolas. Quem jogava golfe eram os ingleses e portugueses. Depois que os ingleses foram embora é que os crioulos tomaram conta do golfe.³⁹

³⁷ GOLFE: modalidade desportiva que teima em ficar. *Expresso das ilhas on line*, 29 set. 2008. Disponível em: <<http://www.expressodasilhas.sapo.cv/noticias/detail/id/5619>>. Acesso em: 26 jun. 2009.

³⁸ ENTREVISTA publicada em *Big Tree - boletim informativo do Clube de Golfe de Sao Vicente*, n. 2, fev. 2009, p. 7. Disponível em: <http://www.esnips.com/doc/b68f3411-085e-4234-9a80-8f2981693539/Boletim-de-Golfe_02>. Acesso em: 1 jul. 2009.

³⁹ *Ibid.*, p. 8.

Se esse depoimento contradiz a representação do golfista Daniel Oliveira, a fala do casal Antonio e Bia Coutinho, um dos mais antigos praticantes do golfe na Ilha à época da entrevista, é ainda mais esclarecedora: ao mesmo tempo em que afirmam que podiam frequentar o clube porque Antonio era funcionário da Shell, reforçam a ideia de que todos tinham acesso à prática esportiva.⁴⁰

Com o golfe parece ter ocorrido um processo semelhante ao que ocorrera com o cricket: se a princípio era uma prática exclusiva e restrita, logo os nativos se aproximaram e encontraram alternativas para jogar. Os *caddies*, normalmente mindelenses, responsáveis por carregar os tacos e bolas, utilizavam o campo no momento em que os ingleses não estavam jogando. Jovens e crianças improvisavam os equipamentos e o “gramado” para suas disputas.

Parece haver, contudo, um duplo esquema de participação. No âmbito das agremiações, havia restrições múltiplas: clubes de ingleses, clubes de portugueses, clubes de elite local; entre esses havia até algumas possibilidades de trânsito. Já os trabalhadores das empresas britânicas mais comumente se envolviam com a prática de modo menos estruturado. Esses, eventualmente, se alcançassem destaque na prática, também conseguiam acesso a algumas dessas agremiações. Parece interessante perceber como a ideia de popularidade foi mobilizada no recente caso do Clube de Golfe de São Vicente.

Começamos pelo posicionamento de Antero Barros, o mais antigo sócio a se colocar contrário à relação de parceria, aclamado e respeitado por todos como um representante da tradição na Ilha e importante por sua história esportiva no país, fundador e ex-presidente do Comitê Olímpico Caboverdiano.

Já na primeira frase de seu “manifesto”, Barros dá o tom: “Cabo Verde é o único país do mundo onde o golfe é um desporto

⁴⁰ ENTREVISTA publicada em *Big Tree – boletim informativo do Clube de Golfe de Sao Vicente*, n. 3, mar. 2009. Disponível em: <<http://www.esnips.com/doc/35188af8-848e-4a47-87a2-e1e704e572ca/Bolitim-informativo-Clube-de-Golfe3>>. Acesso: 1 jul. 2009.

popular e do povo”.⁴¹ Para ele, isso se deu porque os crioulos souberam tirar proveito de uma estrutura que fora construída pelos ingleses: se a princípio se aproximaram por trabalhar como *caddies* ou como público, logo passaram a praticar, ultrapassando mesmo o nível técnico dos estrangeiros. Quando os britânicos se afastaram para os impedir de jogar, e os portugueses estabeleceram severas restrições, “numa atitude de revolta”, os locais, “com sangue, suor e lágrimas construíram o seu campo de golfe da Galé, num tempo recorde de seis meses”.

Tratar-se-ia, assim, de uma história heróica, de estratégia, de apreensão, de subversão, de superação do colonizador: nesse processo, definira-se, supostamente, parte da identidade caboverdiana. Vejamos como em outra matéria essa visão fica ainda mais explícita, apresentando-se o golfe como forma de resistência, algo que persiste no imaginário de muitos, notadamente dos mais velhos:

A história do golfe em São Vicente confunde-se com a resistência anti-colonial. Os ingleses possuíam o seu golf, mas os cabo-verdianos, (...), criaram com suor e sangue o Clube de Golfe de São Vicente. Figuras importantes da intelectualidade mindelenses como Baltasar Lopes, Júlio Monteiro, Jonas Wahnnon, António Aurélio Gonçalves, José Duarte Fonseca, Aníbal Lopes da Silva foram a um tempo praticantes e dirigentes do clube e excelentes oradores nos convívios organizados no clube sob a batuta dos ideais da independência política e cultural.⁴²

Essa história de engajamento, na representação de Barros, tem seguimento no período de luta pela independência, quando o clube fora local de reuniões políticas “umas vezes conduzidas

⁴¹ BARROS, A. O Clube de Golfe de São Vicente não está à venda. *O Liberal online*, 24 jun. 2008. Disponível em: <<http://liberal.sapo.cv/noticia.asp?idEdicao=50&id=14195&idSeccao=546&Action=noticia>>. Acesso em: 9 jul. 2009.

⁴² GRUPO de sócios contesta tacada da direção. *O Liberal online*, 17 mai. 2008. Disponível em: <<http://liberal.sapo.cv/noticia.asp?idEdicao=50&id=13467&idSeccao=438&Action=noticia>>. Acesso em: 1 jul. 2009.

pelo nosso saudoso Mestre Baltasar Lopes e, outras vezes, pelo meu saudoso Amigo e aluno Engenheiro Manuel Rodrigues”. Por essa história, por considerar a agremiação como um patrimônio histórico e esportivo, se posiciona contrário às mudanças propostas: “O Campo de Golfe da Amendoeira é intocável. (...) é o nosso St. Andrews e como tal deve ser conservado. É a nossa Escola, a nossa Academia de Golfe. É para nós um lugar sagrado. Se for arrelvado, o ‘pé descalço’ deixa de jogar golfe”.

Essa frase final reforça uma vez mais a representação de que o golfe é popular. Sendo mais explícito, Barros afirma:

Se os meninos “pés descalços” do Dji de Sal, do Monte e do Monte Sossego forem impedidos de jogar golfe, Cabo Verde deixará de ser o único país do globo onde esta modalidade é um desporto popular e do povo, e isso será, por certo, considerado, na história desportiva do nosso país, o seu maior sacrilégio. Não nos esqueçamos de que, com o desaparecimento da Salina, perdemos o Cricket.⁴³

Não surpreende a forte reação e o sentimento de indignação de Barros: além de ser um dos pioneiros do esporte no país, há muitos anos ele vinha defendendo a peculiaridade do golfe de Cabo Verde. Por exemplo, em *O Arquipélago*, podemos ver um de seus posicionamentos:

O clube de golfe de São Vicente deve ser um caso único no globo: o fenômeno de democratização humana é perfeito neste clube onde se pratica a modalidade esportiva mais aristocrática do mundo (...). Aqui neste clube, professores do Liceu, médicos, engenheiros, comerciantes, industriais, patrões, empregados comerciais, enfermeiros, operários, afinando pelo mesmo diapásão – a sinceridade – jogando lado a lado, almoçam à mesma mesa e trocam impressões sobre os problemas mais importantes da vida cotidiana, com um pensamento comum: ser útil a Cabo Verde e a sua pátria: PORTUGAL.⁴⁴

⁴³ *Ibid.*

⁴⁴ *Arquipélago*, ano 1, n. 5, 20 set. 1962, p. 4.

Vejamos que a grande diferença naquele momento é a defesa da pátria PORTUGAL (em letras maiúsculas), todavia os argumentos são os mesmos mais de quarenta anos depois. Mas Barros não argumentara que o Clube estivera envolvido em lutas políticas pela independência? Como então em 1962 dissera que a agremiação estava empenhada em ser útil à pátria Portugal? Mais do que uma simples adequação de discurso, vemos aqui a peculiaridade da construção identitária caboverdiana, transitando entre a valorização local e a lealdade à metrópole. No que se refere aos debates recentes, percebe-se uma clara disputa de memória, algo que expressa tanto conflitos geracionais quanto antigas tensões relacionadas aos rumos do país: tradição e modernização chocam-se claramente.

Na seção de comentário de leitores, disponível ao fim da matéria, podemos ver que a repercussão da mensagem de Barros aponta para sentidos semelhantes.⁴⁵ Luiz Silva afirma:

O Golfe Clube de São Vicente foi a verdadeira escola de valores morais e intelectuais de Cabo Verde. Aplaudir e encorajar o adversário mostravam a diferença com as outras modalidades desportivas praticadas em Cabo Verde. As expressões como “good”, “good one”, “very good” ou “best”, “the best” eram sempre repetidas. E isso se estendia às relações de amizade e se prolongava a todos os membros das famílias. Todos os filhos dos golfistas eram verdadeiros amigos.

José Figueira Junior (Zizim), mobilizando suas lembranças, descreve o clima no clube por ocasião dos jogos, lembra da influência inglesa e exalta: “Espero que todo o Cabo-Verdiano de bom senso compreenda a importância da preservação de tal PATRIMÔNIO NACIONAL, nascido do POVO de uma resistência ao dominante elitismo *british* da época”. Valdemar Pereira lembra:

Desde que comecei a entender o meu nome ouvi o meu pai falar do golfe em casa. Quando não era sobre o jogo propriamente dito (ele jogou até os 80 anos), era porque

⁴⁵ Todas as citações a seguir foram retiradas da seção de leitores, disponível logo abaixo da carta de Barros.

havia um pau a ser arranjado. Naquele tempo os “club’s” não eram metálicos e de vez enquanto havia um falhanço e alguém vinha chorando (um pau custava uma fortuna).

Já a fala de Julio Vera-Cruz ajuda-nos a perceber o impacto de certas representações por gerações e nos apresenta uma mobilização bastante interessante da questão da memória. Inicialmente afirma: “Não conheci (ou pouco conheci) a maior parte desses homens, os quais eram de uma geração anterior à minha. No entanto, os nomes de muitos deles estão gravados na minha memória, uns pela amizade com os meus pais, outros porque a ilha era nesses tempos muito mais pequena e praticamente todos se conheciam uns aos outros”.

Interessante é perceber como relativiza a questão da memória ao lembrar que: “Também não quero pintar de cor de rosa tempos que, para a maioria da população de S. Vicente, se caracterizavam por uma luta constante pela sobrevivência, na esperança de um futuro melhor”, também supondo que a “salvação” do clube não vai ser saída para os problemas da Ilha. De qualquer forma, pensa que: “Não salvar o clube, contudo, certamente que piorara as coisas e a esse luxo não sei se nos podemos dar”; e que: “Se não forem suficientes as lembranças e a saudade, tenhamos em atenção às consequências da inexistência de lugares e formas de lazer para uma população em crescimento desenfreado, sujeita a um estado de tensão quase que permanente”.

Mesmo João Lizardo, ao discordar das críticas e defender a parceria, não deixa de mobilizar a ideia de que o golfe é e deve continuar sendo popular, afirmando que ele sim está preocupado em manter o clube, não por palavras, mas por ações:

Se deixarmos fugir esta oportunidade histórica aí sim deixaremos de ter a possibilidade de jogar golfe ao negligenciarmos a apresentação de um projeto estruturante e harmonizado com o desenvolvimento da Ilha de São Vicente. (...) Portanto não me venham dizer que o velho é que é bom, que se relvarem o campo não poderão sustentá-lo, que não temos água para beber quanto mais para regar o campo, que a maior parte dos membros não poderão pagar as suas quotas, enfim que golfe de qualidade é só para meia dúzia e estrangeiros, não meus senhores.

CONCLUSÃO

Em Cabo Verde, algo surpreendente se considerarmos sua condição colonial, o esporte já dava passos seguros nos anos finais do século XIX, embora tenha sido mesmo na segunda década do século XX, *pari passu* com a metrópole Portugal, que o campo tenha se consolidado. A prática esportiva foi presença constante e relevante na história da colônia/país. Não surpreende saber que Baltasar Lopes e Amílcar Cabral, os dois principais, assim chamados, “país da nacionalidade caboverdiana”, tenham tido grande envolvimento com clubes e modalidades.

Nossa hipótese para tal ocorrência tem relação com dois aspectos fundamentais que marcam a própria constituição do fenômeno esportivo no decorrer dos séculos XIX e XX: ele é um dos mais potentes elementos de construção de identidades e um dos indicadores de vinculação dos atores políticos a projetos de modernidade e cosmopolitismo. Dada a característica e a peculiaridade da relação estabelecida com Portugal, não só o esporte encontrou em Cabo Verde território fértil para se enraizar, como se tornou um elemento importante em suas formulações culturais.

Na verdade, para os países africanos, dada a condição colonial, o esporte parece ter ocupado um espaço bastante significativo na sua constituição como nação, até mesmo como estratégia para a construção de heróis. Curioso é ver, no caso caboverdiano, que uma idealização do povo, do trabalhador, chegou mesmo a se manifestar na sua relação com esportes tidos como de elite em outros países (caso do golfe e do cricket), algo que, como vimos, não é desprovido de significados típicos da própria história local.

Mas não teria sido o esporte uma estratégia de controle colonial? Para Eric Wagner, essa ideia deve ser matizada:

Eu acho que nós pensamos demasiadamente em dependência cultural no esporte quando na verdade é o próprio povo que geralmente determina o que quer e não quer, e é o povo que modifica e adapta as importações culturais, o esporte, para atender suas próprias necessidades e valores.⁴⁶

⁴⁶ WAGNER, E. Sport in Asia and Africa: americanization or mundialization?. *Sociology of Sport Journal*, n. 7, 1990, p. 402.

Darby aponta sentido semelhante.⁴⁷ Para ele, não é possível negar que, no continente africano, o desenvolvimento do futebol (e do esporte em geral) esteve enquadrado pelos modelos coloniais, recurso utilizado pelos países europeus como estratégia para impor sua hegemonia, seus valores. Ainda assim, conclama o autor, devemos considerar que não houve sucesso total e mesmo houve efeitos contrários.

Parece ser mais produtivo considerar não que o esporte substituiu e/ou destruiu as manifestações típicas de cada país, mas sim que ocupou espaço paralelo e foi ressignificado desde o diálogo com as peculiaridades locais, sem negar, todavia, que também em certa medida se alcançou algo da intencionalidade estabelecida pela matriz europeia:

É interesse considerar as capacidades das populações locais para absorver, modificar e adaptar as importações culturais, como o esporte, para atender suas próprias necessidades e valores (...). Além disso, da mesma forma os esportes também serviram como fórum de resistência contra a exploração econômica e cultural externa.⁴⁸

Para evitar análises lineares, devemos, contudo, ter alguns cuidados. Alan Tomlison, analisando o cenário britânico, chama a atenção:

Formas de esporte e lazer cresceram em padrões específicos das condições sociais. As formas de dominação potencialmente estabeleceram formas de resistência, mas não há nenhuma característica inerente ao esporte que o faça um objeto utópico ou subversivo no que se refere às estruturas de dominação.⁴⁹

Há a necessidade de uma análise matizada sim, mas que não caia no extremo de ver resistência em tudo: "Vale a pena

⁴⁷ DARBY, P. *Africa, football and FIFA: politics, colonialism and resistance*. Londres: Frank Cass & Co, 2002.

⁴⁸ *Ibid.*, p. 44.

⁴⁹ TOMLISON, A. Good times, bad times and the politics of leisure: working class culture in the 1930's in a small northern English working class community. In: CANTELON, H., HOLLANDS, R. (eds.). *Leisure, sport and working class cultures*. Toronto: Canadian Press, 1988, p. 59.

especular sobre o alcance de que uma linguagem corporal distintiva reflete resistência. A afirmação de que o corpo esportivizado pode afastar-se de um padrão especializado é questionável.⁵⁰ O desafio é entender que o esporte foi simultaneamente controle e resistência.

Assim, parece ser necessário um olhar mais detido para cada país, em busca de desvendar de forma mais complexa o quanto a prática do esporte significou possibilidade de resistência (notadamente por ser possibilidade de agrupamento), o quanto se adequou e/ou foi ressignificado pelas características culturais locais (notadamente por ser motivo de festa); o quanto foi mesmo controle. Trata-se de um processo sempre tenso e simultâneo:

É lógico que devemos distinguir entre os efeitos culturais diretos da dominação imperial direta e os efeitos da hegemonia econômica, assim como entre ambos e os desenvolvimentos pós-imperiais independentes. A disseminação do beisebol e do críquete foi realmente um fenômeno imperial, pois esses jogos só se implantaram nos lugares onde estiveram baseados soldados britânicos ou americanos. Mas isso não explica o triunfo de esportes verdadeiramente globais, como o futebol, o tênis ou, para os executivos, o golfe. Todos eles foram inovações britânicas do século XIX (mas) o certo é que eles superaram em muito suas raízes históricas. Seria absurdo ver a Copa do Mundo de futebol como um exemplo do “poder de persuasão da Grã-Bretanha”.⁵¹

O que parece mais peculiar do caso de Cabo Verde é que, ao contrário do que se aponta para alguns casos em África, os primeiros momentos do esporte não foram prioritariamente uma estratégia para satisfazer ideias coloniais e suas necessidades de disciplinar e ordenar a população dominada, mas um movimento mais interno, que teve relação com a especificidade da história dessa colônia. Nesse processo, não surpreende saber que a classe trabalhadora local participou ativamente da configuração do campo.

⁵⁰ BALE, J.; CRONIN, M. Introduction: sport and postcolonialism. In: _____ (eds.). *Sport and postcolonialism*. Nova York: Berg, 2003, p. 5.

⁵¹ HOBBSAWM, E. *Globalização, democracia e terrorismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 62.

PLAYING IN THE MIDDLE OF THE ATLANTIC OCEAN: GOLF, WORKERS AND IDENTITY IN CABO VERDE

ABSTRACT

In Cabo Verde, especially in Mindelo (capital of the island of São Vicente), the sport was giving its first steps in the final decades of the nineteenth century. This occurrence is related to two important facts: a) the peculiarity of their identity, the specific nature of the relationship with Portugal; b) its geographical position; there was established English capital companies. Over time, in Cabo Verde was built the idea that sports always were a popular practice, accessible to workers, including golf, a sport globally identified with economic elites. The purpose of this paper is to discuss this representation from a recent occurrence related to one of the more traditional associations: the Clube de Golfe de São Vicente.

KEYWORDS

Sport; Golf; Cabo Verde.



[*Almanach Esportivo* para o ano de 1932, anno V, organizado por Thomaz Mazzoni. Capa]. (Coleção CPDS, R/1004, Arquivo Edgard Leuenroth/UNICAMP, Campinas, SP.)